

# ENTRELAÇAMENTO ENTRE AS PEDAGOGIAS CULTURAIS E PEDAGOGIAS DO HORROR: LIÇÕES A PARTIR DA OBRA “A VIDA NÃO ME ASSUSTA”

Lucas Bitencourt Fortes<sup>1</sup>  
Gisele Massola<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo objetiva analisar as pedagogias presentes no livro *A Vida Não Me Assusta*, organizado por Sara Jane Boyers, que conta com o poema de mesmo nome da escritora Maya Angelou e com ilustrações do artista Jean-Michel Basquiat. Para tal, parte-se do campo dos Estudos Culturais pautando-se nos conceitos de pedagogia cultural (Camozzato, 2012) e de horror (Carroll, 1999). A metodologia fundamenta-se na análise cultural bem como na metodologia visual crítica. Compreende-se que com a expansão do que se entende como pedagógico, os livros possuem uma potencialidade no que tange a interpelar os sujeitos, sobretudo crianças e jovens, seja em um belo conto de fadas ou, no presente caso, no horror nas linhas e nas imagens de *A Vida Não Me Assusta*.

**Palavras-chave:** Literatura; Horror; Estudos Culturais; Pedagogia Cultural.

## Interlacing between cultural pedagogies and horror pedagogies: lessons from the work “Life Doesn't Frighten Me”

**Abstract:** The article aims to analyze the pedagogies present in the book *Life Doesn't Frighten Me*, organized by Sara Jane Boyers, which features the poem of the same name by the writer Maya Angelou and illustrations by the artist Jean-Michel Basquiat. To this end, it departs from the field of Cultural Studies, basing itself on the concepts of cultural pedagogy (Camozzato, 2012) and horror (Carroll, 1999). The methodology is based on cultural analysis as well as critical visual methodology. It is understood that with the expansion of what is understood as pedagogical, books have a potential in terms of questioning subjects, especially children and young people, whether in a beautiful fairy tale or, in the present case, in the horror in the lines and in the images of *Life Doesn't Frighten Me*.

**Keywords:** Literature; Horror; Cultural Pedagogy; Cultural Studies.

---

<sup>1</sup> Universidade Luterana do Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3134-1612>. Email: [lucasfortes@rede.ulbra.br](mailto:lucasfortes@rede.ulbra.br)

<sup>2</sup> Universidade Luterana do Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9110-1381>. Email: [gisele.massola@ulbra.br](mailto:gisele.massola@ulbra.br)

## DAS NOTAS INTRODUTÓRIAS AO ARTEFATO CULTURAL

A leitura ocorre em uma ampla variedade de meios e envolve uma diversificação de linguagens. Desse modo, podemos ler um texto, uma imagem, uma fotografia, uma partitura musical, uma sequência numérica, entre tantas outras possibilidades. No entanto, há um entendimento mais ou menos generalizado de que a leitura é o que fazemos diante de textos escritos (verbais). Este mesmo entendimento parece marcar fortemente discursos contidos em documentos oficiais, diretrizes, normativas, pareceres que versam sobre as finalidades para a criação de uma política que busque promover e capacitar a leitura. E ainda, pode-se afirmar que se atribuiu à escola, entre tantas outras tarefas, a de incentivar a leitura, mas não uma leitura qualquer e sim aquela que acontece, especialmente, através do texto escrito.

De acordo com Chartier (2001) a cultura escrita, no Ocidente, é uma cultura do impresso. E ela impregnou de tal forma as práticas cotidianas que produz efeitos inclusive naquelas que seriam basicamente oralizadas – a exemplo dos ritos religiosos, das celebrações, das festas, das audiências públicas. O texto escrito se impõe aos que leem e aos que não leem, marcando seus gestos, comportamentos e posicionamentos. Em nossa vida diária existe uma grande circulação de textos verbais e imagéticos em diferentes suportes – cartazes, placas, sinalizações de trânsito, revistas, jornais, livros, editais ou textos oficiais, folhetos publicitários, encartes, etc. – e assim a leitura se expande. Desde muito cedo, antes mesmo de serem alfabetizadas para ler um texto verbal, as crianças convivem com rótulos de produtos que consomem, reconhecem símbolos, propagandas, desenhos, logotipos, e, através destas diferentes leituras, identificam as coisas que as cercam.

Arelado ao entendimento de que a leitura se refere ao texto verbal tem se fortalecido, cada vez mais nas sociedades ocidentais, as práticas associadas à cultura letrada promovendo, de certa forma, a popularização da figura do livro. A centralidade do livro enquanto suporte de leitura é uma hipótese levantada por Castro (2007). Em suas pesquisas que versam sobre representações produzidas e reproduzidas pela mídia impressa, a partir de três periódicos de grande circulação tanto estadual quanto nacional, entre os anos de 1970 a 2000. O autor parte do pressuposto que as práticas e hábitos de leitura adquiridos, primeiramente como ensinamentos escolares, e posteriormente, no cotidiano estariam focados na figura do livro, instituindo como leitura “válida” aquela realizada através deste

artefato, podendo ser entendida como a única forma de ler. Nesse sentido, o autor afirma que o livro seria a representação metonímica da leitura. De acordo com o autor:

Na verdade, o discurso sobre a centralidade do livro como fonte única da leitura começa na família – até pais não-leitores cobram que os filhos leiam livros! Fora dela, o discurso ganha força na escola e é também reiterado constantemente em outros ambientes sociais e, principalmente nos jornais, nas revistas e na televisão (CASTRO, 2007, p. 48).

Ao analisar os discursos que nos posicionam como leitores, desde as mais variadas idades, identifica-se a centralidade do livro em uma variedade de produções que direta ou indiretamente abordam a temática da leitura, do livro ou do leitor, tais como crônicas, quadros, notas, charges, tiras de quadrinhos que se apresentam como discursos dominantes/hegemônicos. Para Chartier (1994), a centralidade do livro pode também ser verificada no uso recorrente de representações deste em moedas, em monumentos, na pintura e na escultura. O livro é veiculado em tais imagens como símbolo de saber e autoridade.

Considera-se, inicialmente, o papel que livros ocupam na atualidade, mesmo com todos os avanços tecnológicos e previsões de que os livros se tornariam obsoletos. Sobretudo no que tange às crianças e aos jovens, a leitura oportuniza expandir a criatividade e a imaginação, além de problematizar a cultura a partir da qual o livro surgiu, assim como, problematizar a sociedade na qual estas crianças e jovens estão inseridas.

Partindo destes preâmbulos iniciais, este artigo parte de uma pesquisa em andamento<sup>3</sup>, destinou-se um olhar atento ao livro *A Vida Não Me Assusta*, organizado pela escritora, editora e fotógrafa Sara Jane Boyers, que apresenta o poema homônimo da escritora Maya Angelou, e os trabalhos do artista Jean-Michel Basquiat. Trata-se de um livro infantil lançado em 1993 nos Estados Unidos da América, e que 25 anos depois de seu lançamento, então em 2018, foi publicado pela primeira vez em idioma português pelo selo Caveirinha, da editora carioca DarkSide Books. A obra possibilitou a união de trabalhos de

---

<sup>3</sup> Trata-se do Projeto de Pesquisa intitulado “Pedagogia cultural em produções midiáticas” ao qual vem debruçando-se sobre o conceito de pedagogia cultural partindo de reflexões que buscam estabelecer vínculos entre os mais diversos artefatos pedagógicos dispersos pela sociedade de modo a pensar em como as pedagogias funcionam, como elas operam, quais são seus traços e que tipo de sujeitos são interpelados por elas e se constituem a partir de suas relações.

representatividade de duas personalidades negras significativas do mundo das artes, e pode-se dizer também para a história do ativismo negro. Enquanto Maya Angelou (1928-2014) esteve fortemente envolvida com a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, tendo sido muito próxima e mantido laços de amizade com Malcom X e Martin Luther, o jovem Jean-Michel Basquiat (1960-1988) utilizou sua arte para questionar a disparidade entre negros e brancos no meio artístico, assim como para homenagear referências negras (TERTO, 2018). A obra busca “falar sobre as aflições da infância de dentro do olhar de empoderamento”, ao mesmo tempo em que se refere a uma obra que “une Maya e Basquiat para lembrar a adultos e crianças de encarar o medo e derrotar nossos monstros, reais e imaginários” (CRUZ, 2018, n.p.). A organizadora do livro, Sara Jane Boyers, destaca no posfácio sua compreensão acerca do que trata a obra. Nas palavras da autora:

A Vida Não me Assusta é sobre experiência de vida. É sobre perseverança e orgulho, sobre encontrar-se com a história da própria vida, sobre o bom e o mau, e sobre utilizar tudo aquilo que nos influencia e nos afeta – nossas famílias, nossa cultura, o dia a dia do nosso planeta – para nos apoiarmos e nos reinventarmos constantemente. [...] é uma reflexão sobre o trabalho de dois artistas negros fabulosos, de universos bastante diferentes, com experiências de vida, contextos econômicos e estéticos completamente distintos. Suas obras artísticas singulares, geralmente marginalizadas devido às questões raciais, são manifestações marcantes de obstáculos superados apenas por conseguirem se fazer serem vistas e ouvidas. Ao colocarmos suas criações lado a lado nesta obra, concebemos uma nova história para ambas – uma nova história para cada um de nós –, e ela faz um convite a todos para que a gente escreva as nossas próprias histórias em nossos próprios termos (BOYERS, 2018, n.p.).

Além das interpelações feitas, a organizadora da obra tanto reflete acerca do caráter subjetivo de quem se depara com a obra, algo que possibilita com que se pense sobre as reflexões e aprendizagens particulares de cada leitor a partir da leitura da obra, ainda conforme destaca a autora:

[...] ela é sobre nós. Seja lá quem fomos, não importa como somos classificados, como parecemos, de onde viemos e a(s) língua(s) que falamos, *A Vida Não me Assusta* aborda as questões universais de nossas vidas e como podemos utilizar tudo aquilo que vemos, sentimos, escutamos, tocamos e nos deparamos em nossa jornada (BOYERS, 2018, n.p.).

É pertinente pensar no horror que permeia as frases de Maya Angelou e os traços e cores de Jean-Michel Basquiat. Isso significa pensar os horrores vividos por ambos em suas trajetórias pessoais. Sabe-se que Angelou foi estuprada aos 7 anos, seria mãe cedo, aos 17 anos, e enfrentaria diariamente o racismo no sul dos Estados Unidos da América. Já Basquiat, filho de imigrantes, pai haitiano e mãe porto-riquenha, embora tenha nascido décadas depois de Angelou, teve todo seu percurso de carreira profissional em uma Nova York a beira do colapso econômico, chegou a dormir nas ruas durante um tempo, além disso colocou-se em meio a uma cena artística de predominância branca, cabe dizer que, embora alguns considerem como limitante a definição, sua arte é compreendida como pertencente ao neoexpressionismo<sup>4</sup>. Assim, o que se vê é uma mistura que apresenta “mundo distorcido, assustador e ao mesmo tempo divertido e cheio de cor das pinturas do artista com a rebeldia e a coragem da poetisa e ativista, criando uma obra atemporal (CRUZ, 2018, n.p.). Quanto aos autores destas obras que foram unidas em uma só, tratam-se de “artistas negros de gerações diferentes, com histórias de vida sofridas e infâncias problemáticas, mas que nunca se deixaram intimidar” (OLIVEIRA, 2018, n.p.).

Antes de debruçarmos sobre essa obra, encarar o horror que ela pode nos suscitar, assim como as pedagogias que dela podem emergir, cabe atentarmos no que se refere ao campo teórico, metodológico e aos conceitos-chaves que guiarão as análises.

## **CAMPO TEÓRICO, METODOLOGIA E CONCEITOS CHAVES**

Para o que se propõe, parte-se do campo dos Estudos Culturais, campo que “atua na tensão entre as tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura” (NELSON, TREICHLER, GROSSBERG, 2013, p. 12). Isto é, os Estudos Culturais configuram-se como um campo interdisciplinar, com múltiplas possibilidades e contornos imprecisos. A partir desse campo, compreende-se que a cultura se torna central na contemporaneidade, abrangendo todos os aspectos da vida social dos sujeitos, algo que conseqüentemente impacta suas vidas (DU GAY, et Al, 1997). Isso significa pensar que o conceito de cultura se expande, não limitando-se a um conjunto de coisas, mas um conjunto de práticas (HALL, 2016). Para tanto, considera-se, de tal forma, toda a diversidade de fenômenos

---

<sup>4</sup> Modalidade artística resgatada a partir da década de 80. Fortemente influenciado pelo Expressionismo, Simbolismo e Surrealismo. Tem como suas características centrais: representações críticas, emocionais e subjetivas.

culturais e sociais que são produzidos (GIROUX, 2013), e assim, chega-se a um olhar atento, tal como neste texto, ao livro *A Vida Não Me Assusta*.

Sobre a metodologia empregada, valem-nos da análise cultural, que por sua vez, insere-se no “esclarecimento dos significados e valores implícitos e explícitos em um modo de vida específico, uma cultura específica” (WILLIAMS, 2003, p. 52, tradução dos autores<sup>5</sup>). Trata-se de uma metodologia que desloca a centralidade da investigação da estruturação político-econômica, visando a contextualização da estruturação de objetivos para quando se atenta a vida tida como real (MORAES, 2016). Conforme discorre Raymond Williams:

A análise da cultura é a tentativa de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações. A análise de obras ou instituições específicas é, neste contexto, a análise de seu tipo essencial de organização, das relações que uma ou outras encarnam como partes da organização como um todo. Nela, a palavra-chave é 'padrão': qualquer análise cultural útil se inicia com o descobrimento de um tipo característico de padrões, e a análise cultural geral se ocupa com as relações entre eles, às vezes revelam identidades e correspondências inesperadas entre atividades até então consideradas em separado, e outras vezes mostram descontinuidades imprevistas (WILLIAMS, 2003, p. 56, tradução dos autores<sup>6</sup>).

Em paralelo à análise cultural, faz-se uso da metodologia visual crítica, em virtude de a análise debruçar-se não somente no poema de Maya Angelou, mas também, concomitantemente, nos trabalhos de Jean-Michel Basquiat. Na metodologia visual crítica atenta-se para a postura frente às imagens, e mesmo a própria crítica produzida a partir delas. Trata-se de refletir acerca do visual no que tange sua significância cultural, assim, como suas práticas sociais e as relações

---

<sup>5</sup> Trecho original: [...] el análisis de la cultura es el esclarecimiento de los significados y valores implícitos y explícitos en un modo específico de vida, una cultura específica. (WILLIAMS, 2003, p. 52).

<sup>6</sup> Trecho original: El análisis de la cultura es el intento de descubrir la naturaleza de la organización que constituye el complejo de esas relaciones. El análisis de obras o instituciones específicas es, en este contexto, el análisis de su tipo esencial de organización, las relaciones que unas u otras encarnan como partes de la organización en su conjunto. En él, la palabra clave es 'patrón': cualquier análisis cultural útil se inicia con el descubrimiento de un tipo característico de patrones, y el análisis cultural general se ocupa de las relaciones entre ellos, que a veces revelan identidades y correspondencias inesperadas entre actividades hasta entonces consideradas por separado, y en otras ocasiones muestran discontinuidades imprevistas (WILLIAMS, 2003, p. 56).

de poder que se encontram enraizadas (ROSE, 2001). Em uma linha semelhante, Douglas Kellner vai falar acerca da necessidade de uma leitura crítica, algo que implica em aprender como “apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas quanto o conteúdo que elas comunicam em situações concretas” (KELLNER, 2013, p. 106).

Alguns conceitos tornam-se, assim, norteadores, primeiramente, o de pedagogias culturais, compreendendo a ampliação do pedagógico na contemporaneidade. Parte-se do pressuposto de que a educação ocorre nos mais diversos âmbitos, indo além do espaço institucionalizado da escola, por exemplo. Assim, têm-se no cinema, nos esportes, nos anúncios de publicidade, e no presente caso, nos livros, um claro teor pedagógico, pois formas de ser e de compreender o mundo são produzidas a partir deles (CAMOZZATO, 2012). Com isso, assume-se uma abordagem contemporânea na qual o entendimento de pedagogia deixa de ser um campo restrito à educação escolarizada para invadir os mais diversos espaços culturais implicados na invenção/constituição de saberes, valores e atitudes postos em circulação. Um segundo conceito norteador refere-se ao conceito de horror, ou também horror-artístico, conforme Noël Carroll. Trata-se de um gênero presente nas mais diversas formas artísticas, seja no cinema, no teatro, nas pinturas ou na literatura, por exemplo. Compreende-se que produções de horror, sejam elas quais forem, são concebidas para provocar determinado afeto em quem as consome, justamente o afeto de horror. De tal forma, pertencerá ao gênero de horror aquelas “narrativas e/ou imagens (no caso das belas-artes, cinema etc.) que têm como objetivo provocar o afeto de horror no público” (CARROLL, 1999, p. 30).

A partir destas considerações teórico-metodológicas, além dos conceitos norteadores, possibilita-se a análise cultural. Que se dará da seguinte forma, com a análise do poema de Maya Angelou isoladamente em primeiro momento, para posterior análise das pinturas de Jean-Michel Basquiat, buscando perceber como estão então estruturadas em *A Vida Não Me Assusta* e como conectam-se com o poema de Angelou, pensando assim a análise dos trabalhos como um todo.

## ANÁLISE CULTURAL

Os primeiros versos apresentados apresentam medos cotidianos, para não dizer reais, que podem atingir da criança ao adulto, como sombras e sons que podem inesperadamente surgir, assim como cachorros rosnando e mesmo leões,

na sequência medos oriundos do mundo imaginário, ou mesmo do universo horrífico, são apresentados, figuras monstruosas, como fantasmas e bruxas. Cabe dizer que a figura monstruosa, no universo do horror, é aquela figura que perturba a ordem tida como natural, no horror “o mostro é um personagem extraordinário num mundo ordinário” (CARROLL, 1999, p. 32). Ainda referente à figura monstruosa, cabe perceber que na maioria das vezes são vistos e associados ao mal e à morte (DOUGLAS, 1991), embora, o outro pode ser a representação do “outro”, aquele que está fora das categorias sociais da cultura em questão, seja por que é visto como um “desconhecido” ou como um “anormal” (BARROS, 2015).

Sombras dançando nos muros  
 Sons que brotam do escuro  
 Nada na vida me assusta  
 Cachorros bravos rosnando  
 Fantasmas voando em bando  
 Nada na vida me assusta.  
 Bruxa e caldeirão fervente  
 Leões livres pela frente  
 Eles não me assustam nada (BOYERS, 2018, n.p.).

Os versos continuam com esse atravessamento, medos cotidianos e o mundo imaginário. Como uma situação que se pode ser interpretada como supostamente ansiogênica, havendo a necessidade de gritar para que uma suposta pessoa saia, até mesmo como com a figura de um dragão que espreita ao pé da cama.

Dragão soprando chama  
 Ao pé da minha cama  
 Isso não me assusta nada,  
 Eu grito SAI!  
 E correndo ele vai  
 E faço zocira  
 Da sua carreira  
 Eu não vou chorar  
 Ele terá de voar  
 E eu me divirto  
 Com o seu faniquito  
 Nada na vida me assusta (BOYERS, 2018, n.p.).

O poema continua, com o que se pode compreender como a representação de tensões sociais da época em que foi produzido. Interpretações acerca da violência urbana e social, badernas e brigas durante a madrugada, do ativismo do



Partido dos Panteras Negras<sup>7</sup>, com a menção a uma pantera que espreita atrás do muro, e do o racismo<sup>8</sup> enraizado na sociedade norte-americana, com o relato de uma menina que está sendo importunada em conta de seu cabelo crespo. Pode-se associar isto à uma das características de obras que se enquadram dentro do horror, no caso, através dos versos de Angelou, têm-se a representação de contextos sociais específicos, seja no tocante a tensões sociais (CARROLL, 1999), seja no que se refere às mudanças históricas e rupturas (HUTCHINGS, 2004)<sup>9</sup>.

Baderna e pancada  
De brigões na madrugada  
Nada na vida me assusta.  
Panteras atrás do muro  
Estranhos no escuro  
Não, eles não me assustam nada.  
Na escola nova, um pesadelo  
Meninos puxam meu cabelo  
(Meninas imbatíveis de cabelos crespos incríveis)  
Eles não me assustam nada (BOYERS, 2018, n.p.).

Os últimos versos podem ser compreendidos como o estágio de superação dos medos, sejam eles quais forem, um estágio de empoderamento, de superação das adversidades. Agora pode-se explorar até mesmo o fundo do mar, sem que seja necessário respirar, pode-se encarar de frente animais pegajosos e peçonhentos, mesmo assim, nada na vida poderá assustar.

Não me mostrem sapos e cobras  
E esperem que eu grite.  
O medo, se aparecer,  
Só nos meus sonhos existe.  
Carrego sempre comigo  
Um amuleto escondido  
Exploro o fundo do mar  
Sem precisar respirar.  
Nada na vida me assusta

<sup>7</sup> Originalmente denominado Partido Pantera Negra para Autodefesa foi uma organização urbana socialista revolucionária fundada por Bobby Seale e Huey Newton em outubro de 1966. Tendo mantido atuações nos Estados Unidos no período compreendido entre 1966 a 1982.

<sup>8</sup> Conforme Morris e Treitler (2019), a desigualdade racial é uma realidade na sociedade norte-americana ainda na contemporaneidade, sendo o racismo estruturado e adotado desde a fundação do país.

<sup>9</sup> Destaca-se que os trabalhos de Carroll (1999) e Hutchings (2004) focam-se objetivamente ao horror como gênero cinematográfico, havendo assim uma adaptação de suas perspectivas para a proposta deste artigo.

Nada  
 Nada.  
 Nada na vida me assusta (BOYERS, 2018, n.p.).

Atenta-se para como as pinturas de Basquiat conectam-se com o poema de Angelou, neste momento também se deve observar a compreensão e visão ampla por parte da organizadora Sara Janes Boyers que fez a junção do trabalho de ambos. Em alguns momentos pode-se perceber como os versos de Angelou, que trazem desde medos cotidianos a medos imaginários, conectam-se com as figuras perturbadoras e incômodas de Basquiat, expondo consigo um teor horrífico (Figura 1).

Figura 1 – Medos cotidianos com medos imaginários



Fonte: BOYERS, 2018.

Em outros momentos pode-se observar a vivência dos respectivos autores, exposta tanto nos versos como nas pinturas. Atenta-se para o desenho de uma figura masculina cujo órgão genital encontra-se à mostra, juntamente quando os versos de Angelou dizem: “*Eu grito SAI!/E correndo ele vai*”. Com isso, pode-se recordar a violência sexual sofrida por Angelou em sua infância. Em momento

posterior, quando se têm versos que falam em brigas na madrugada, a pintura nos mostra duas figuras aos socos, uma delas branca e a outra negra, pode-se cogitar a ideia de uma tensão, ou mesmo conflito racial, assim que se evidencia nos versos posteriores: “*Na escola nova, um pesadelo/Meninos puxam meu cabelo*” (Figura 2). Recorda-se a vivência de ambos quando a questão é a violência racial e social, Angelou foi uma ativista e viveu o racismo de perto, enquanto Basquiat foi um dos poucos negros dentro do universo artístico predominantemente branco, além de acompanhar a desigualdade e a violência urbana.

Figura 2 – Representações da violência



Fonte: BOYERS, 2018.

Destaca-se, mais uma vez, que embora os versos e os desenhos se conectem, deve-se muito à visão de Sara Janes Boyers, que possibilitou a construção do diálogo entre os dois trabalhos. Em momento posterior, os versos de Angelou indicam o que se pode denominar como um estágio de empoderamento, mesmo enfrentamento ou resistência. Observa-se que o uso das pinturas de Basquiat torna-se mais suavizada, isto é, as figuras que se veem não são tão perturbadoras quanto as anteriores (Figura 3).

Figura 3 – Resistência



Fonte: BOYERS, 2018.

O horror ao qual o leitor é exposto através de determinados versos com seus monstros e situações ansiogênicas, assim como com as pinturas perturbadoras de Basquiat contribuem para o enfrentamento dos medos cotidianos e mesmo imaginários. Conforme compreende Clasen (2017) o horror explora antigos mecanismos de defesa, contribuindo para no aprendizado em enfrentar perigos e em lidar com certas situações. Como exemplifica o autor:

[...] os humanos são excepcionalmente imaginativos [...]. Quando lemos um romance de terror ou assistimos a um filme de terror, reagimos às situações perigosas e horríveis que estão sendo retratadas. Identificamo-nos com os personagens fictícios que enfrentam ameaças aterrorizantes. Sentimos repulsa à visão ou descrição do zumbi apodrecido e terror à representação de um monstro Lovecraftiano com tentáculos. Passamos por uma série de emoções enquanto assistimos ou lemos, e por meio dessa experiência aprendemos algo sobre nossas próprias respostas. O horror nos fornece *insights* sobre nós mesmos e sobre os cantos escuros do mundo, e nos permite desenvolver e refinar habilidades

de enfrentamento que podem ser críticas mais tarde na vida (CLASEN, 2018, n.p., tradução dos autores<sup>10</sup>).

O trabalho *A Vida Não Me Assusta* é a oportunidade para crianças enfrentarem seus medos, uma potencialidade dos livros infantis, Ilan Brenman considera que só se pode enfrentar o medo quando ele é falado. E ainda diz: “Os adultos temem o medo das crianças, querem evitar a todo custo que elas tenham esse sentimento, mas, trabalhando com o medo é que podemos fortalecê-las para o que, inevitavelmente, vão sentir na vida real” (BRENMAN, 2018, n.p.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encaminhando-nos para o encerramento das análises suscitadas aqui pode-se indicar ao menos três pontos centrais a serem considerados, sendo eles: primeiro, indica-se pelo fato de que a figura monstruosa, mencionada em diversas partes do poema, e podendo ser percebida visualmente através dos traços do trabalho de Basquiat, abarca a compreensão mais comumente compreendida acerca do que entendemos por horror “natural” presente nos sentimentos e sensações provocados pelo horror diante de fatos concretos, históricos, isto é, as figuras monstruosas que se lê e se vê são associadas a algo ruim, representações da violência e do racismo, por exemplo. Isto significa, de acordo com a perspectiva de Carrol (1999), que o horror na arte poderia ser identificado a partir do efeito que a obra provocaria no público, no caso da obra *A vida não me assusta*, endereçada ao público infantil. No entanto, cabe referir que o fato de a obra ser destinada em um primeiro momento às crianças (e pode-se incluir também aos jovens), evidencia o quanto temas mesmo mais complexos ou tidos muitas vezes como pesados, podem ser trabalhados com este público, inclusive quando um teor horrífico se apresenta<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Trecho original: [...] humans are uniquely imaginative [...].When we read a horror novel or watch a horror film, we respond to the dangerous and horrifying situations that are being depicted. We identify with the fictional characters who confront terrifying threats. We feel revulsion at the sight or description of the rotting zombie, and terror at the depiction of a tentacled Lovecraftian monster. We go through a range of emotions as we're watching or reading, and through that experience we learn something about our own responses. Horror provides us with insights into ourselves and into the dark corners of the world, and it lets us develop and refine coping skills that may be critical later in life (CLASEN, 2018, n.p.).

<sup>11</sup> Cabe destacar que o endereçamento ao público infantil, ou mesmo ao público jovem, decorre do formato mercadológico adotado pela Editora DarkSide Books, e seu

Um segundo ponto de distinção da narrativa de horror a ser considerado refere-se a fusão dos trabalhos reunidos nesta obra, ou seja, percebe-se um trabalho dotado de uma perspectiva ampla que uniu propostas diferentes e de autores distintos, mas que conversam entre si e refletem um mesmo contexto de violência, medos e tensão social e racial vividos por seus respectivos autores. Além disso, indica-se destaques ao gênero horror quando os elementos compostos do livro substituem o teor das histórias baseadas no medo físico pelo medo psicológico adentrando os domínios do caos psicológico, perturbações, loucura, abismo e outros. Logo, para além do suspense e do susto, a literatura de horror provoca o público leitor a pensar mais e mais sobre o desconhecido e sobre os dilemas do humano em suas vivências.

E por fim, pensando num contexto mais contemporâneo, faz-se necessário indicar que os gêneros e modos literários se expandiram, não apenas em seus aspectos caracterizadores, mas em obras direcionadas para contemplar os mais diversos públicos. Mais detidamente em relação ao gênero de horror/terror, fantástico, suspense, hoje não servem apenas para dar medo, mas como forma de conhecimento, ou que seja limitado a alguns textos da literatura juvenil revelar muitas vezes as verdades que não são mostradas pela sociedade. Ao chegar ao público infantil e juvenil serve para despertar a curiosidade desses leitores, sabendo que existem temas que eles enfrentam em seu cotidiano procurando mesclar terror e humor, como forma de balancear ambas as sensações.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Maria José Genuíno. **Cinema de horror e sociedade: found footage e medos modernos.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015.

BOYERS, Sara Janes (org.). **A vida não me assusta: Poema de Maya Angelou e pinturas originais de Jean-Michel Basquiat.** Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

---

respectivo selo denominado Caveirinha, não sendo, assim, um direcionando que parte da obra em si.

BRENNMAN, Ilan. ‘Coisas arrepiantes’: medo é tema de livro para crianças. **Revista Crescer** – Globo. Entrevista concedida a: Juliana Malacarne. Publicado em: 17 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Diversao/Livros/noticia/2018/10/coisas-arrepiantes-medo-e-tema-de-livro-para-criancas.html>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias**: formas, ênfases e transformações. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012.

CARROLL, Noël. **Filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.

CASTRO, Gilberto de. O discurso sobre o livro, a leitura e o leitor na mídia escrita brasileira e suas implicações educacionais. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, n°49, Global Editora: 2007.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 8, n°21, 1994.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldina e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CLASEN, Mathias. **Why Horror Seduces?**. New York, USA: Oxford University Press, 2017.

CLASEN, Mathias. Why horror is so popular: And may even be good for us. **Science Nordic**. Publicado em 07 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://sciencenordic.com/denmark-film-forskerzonen/why-horror-is-so-popular/1452083>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2022.

CRUZ, Aline. Por uma vida menos assustadora. **Revista Trip**. Publicado em: 22 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/livro-classico-de-maya-angelou-e-basquiat-completa-25-anos-e-e-relancado-em-edicao-especial>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.



DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1991.

DU GAY, Paul, et Al. **Doing Cultural Studies**: The story of the Sony Walkman. London: Sage, 1997.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 11<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HUTCHINGS, Peter. **The horror film**. Essex: Person Education Limited, 2004.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 11<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, Revista de Epistemologias da Comunicação, Vol. 4, n<sup>o</sup> 7, janeiro-junho, 2016. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490/PDF>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

MORRIS, Aldon; TREITLER, Vilna Bashi. O Estado racial da União: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. **Caderno CRH**, Salvador, v. 32, n. 85, Jan./Abr. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i85.27828>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 11<sup>a</sup> ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Ana Clara. A Vida Não Me Assusta: Basquiat e Maya Angelou para crianças. **Blog Leiturinha**. Publicado em: 29 de novembro de 2018. Disponível





em: <<https://leiturinha.com.br/blog/a-vida-nao-me-assusta/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies**: an introduction to the interpretation of visual materials. London: Sage, 2001.

TERTO, Amauri. 'A Vida Não Me Assusta', uma pérola literária que une Maya Angelou e Basquiat. **Portal Geledés**. Publicado em: 01 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vida-nao-me-assusta-uma-perola-literaria-que-une-maya-angelou-e-basquiat/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

*Recebido em 01/02/2023*

*Aprovado em 02/04/2023*